



A MICARÊ DO CENTRO EDUCACIONAL 6 DE TAGUATINGA ARRASTOU DOIS MIL ALUNOS PELAS QUADRAS DA QNL: TRIO ELÉTRICO E MUITO AXÊ

Micarê da cidadania

MARCELO ABREU
DA EQUIPE DO CORREIO

Um bando de adolescentes, entre 14 e 19 anos, pulando alucinadamente atrás do trio elétrico Concorde, pelas ruas da QNL de Taguatinga. Não, não estamos falando do carnaval do ano passado. Tampouco de alguma festa fora de época da cidade. A cena aconteceu na manhã de ontem. E lá estavam eles, com toda a irreverência, divididos em grupos com camisas verdes, azuis e amarelas.

Era a Micarê Temática do Centro Educacional 6 de Taguatinga, que encerrou o IV Simpósio *Educando para a Vida*. Durante uma semana, os mais de dois mil alunos da escola participaram de discussões que tratavam de sexualidade, drogas, doenças sexualmente transmissíveis, preconceito e reflexões sobre a vida.

Em 2002, o projeto *Educando para a Vida*, que na época completava dois anos, recebeu da

Unesco o 1º lugar, em nível nacional, no Prêmio Escola. A honraria é concedida às escolas públicas do país que desenvolvem relevantes trabalhos sociais com alunos e a comunidade em que vivem.

Cada um dos três blocos da Micarê Temática ficou responsável por um tema: Saúde e Prevenção, Prazeres x Riscos e Tolerância e Preconceito. Convidados foram chamados para participar dos debates. Os alunos discutiram, perguntaram, ouviram, falaram. Tiraram dúvidas, propuseram. Desenvolveram oficinas. E saíram dali, depois de uma semana falando sobre vida, auto-estima e respeito, pelo menos um pouco mais cidadãos.

Na manhã de ontem, animados e embalados por um trio elétrico, debaixo de sol e algumas vezes mormaço, os irreverentes alunos e alunas rodaram as quadras da QNL, em Taguatinga Norte. Tinha até coreografia. O trânsito precisou ser conduzido por homens da Polícia Militar. Fo-

ram sete quilômetros de música, axê e descontração. Da janela dos prédios, os moradores acenavam. Os motoristas buzina-vam, como se concordassem com a causa.

Educação diferente

Para os estudantes, a sensação era de dever cumprido. Havia em cada um deles um cidadão melhor. Pronto para ouvir melhor, entender melhor e, assim, construir um mundo também melhor. “Eu aprendi muita coisa. Desde o mal que as drogas fazem até o uso correto da camisinha e a importância do sexo seguro”, conta o estudante Rodrigo Lima, de 16 anos, do 1º ano do ensino médio.

William da Silva Alves, de 18 anos, do 3º ano, levou a namorada para a Micarê Temática. Gis-laine Barros, 13, nem estuda no Centro Educacional 6, mas nem por isso deixou de estar ali. Para ele, os temas discutidos na semana de oficinas só o ajudaram a

compreender mais alguns assuntos considerados tabus. “Algumas coisas ficaram mais claras pra mim. A cabeça da gente fica mais aberta”, avalia ele.

A estudante Kelly Cristina Braga, de 19 anos, do 3º ano, participou do projeto *Educando para a Vida* pela primeira vez. “Foi uma experiência maravilhosa trabalhar com temas tão diferentes e de certa forma polêmicos”, conta. E numa revelação absolutamente espontânea, ela assume: “Tinha algum preconceito contra homossexuais. Depois que discutimos o tema nas oficinas, vi que tudo era apenas desinformação minha. A gente não tem o direito de julgar ninguém. Acho que aprendi a não ter preconceito”.

“A gente precisa fazer educação diferente. Precisamos mudar a mentalidade de que escola pública não produz ensino de qualidade, que não presta. A prova está aqui”, desabafa o incansável diretor Edilson Rodrigues, de 28 anos.

Abaixo o preconceito

Uma das mais animadas na micarê cultural era a professora Sandra Cavalcante Freitas, de 33 anos. Coordenadora do projeto, ela vibrou com o resultado do simpósio que, este ano, tratou basicamente de qualidade de vida. “Esse projeto era um sonho. Hoje, tem um continente de pessoas participando da causa. É a semente florescendo. Um projeto de vida”, emociona-se. Para ela, o projeto que a escola desenvolve vai além de uma atividade curricular. “É resgate deles como seres humanos. Cada um se descobriu, se percebeu melhor”, avalia.

E a coisa tem dado tão certo nesses últimos quatro anos que ex-alunos do Centro Educacional 6, que participaram das três últimas edições do projeto, lançaram, segunda-feira passada, uma organização não-gover-

namental (ONG). A idéia é multiplicar o conhecimento e levar ajuda aos adolescentes e jovens da comunidade.

Fernando de Assis Silva, 20 anos, morador do Recanto das Emas, ex-aluno da escola e hoje estudante de Pedagogia da Universidade de Brasília (UnB), é o coordenador da ONG. “Teremos psicólogos e sexólogos que trabalharão conosco voluntariamente”, diz.

Completamente satisfeita com tudo que viu e ouviu, Ângela Cristina Moura, 16, do 1º ano, participou do evento pela primeira vez e promete estar lá de novo, no ano que vem, atrás de um trio elétrico. “Eu descobri mais coisas sobre a vida”, extasia-se a adolescente, filha de um mecânico e uma vendedora.

Naquela escola pública com instalações modestas, alunos do ensino médio aprenderam mais que Matemática, Física e Química. Descobriram que podem ser mais cidadãos. E mais tolerantes e solidários. Só isso já seria, antes de qualquer coisa, a melhor lição de suas vidas.